

Nº 110, out/2000, p.1–3



## **MANEJO PREVENTIVO DA BROCA-DO-RIZOMA DA BANANEIRA NO ACRE**

Murilo Fazolin<sup>1</sup>

Ana da Silva Ledo<sup>2</sup>

Francisco Felismino de Azevedo<sup>3</sup>

Com a introdução da sigatoka-negra na cultura da banana no Acre, fez-se necessário o desenvolvimento de ações de pesquisas no sentido de selecionar novos materiais resistentes a esta doença. Obtiveram-se como promissoras para o Estado do Acre as variedades: Yangambi (caipira), Thap-Maeo e PV 03-44. Dentro desta seleção, foi acompanhado o comportamento das mesmas quanto ao ataque da broca-do-rizoma, também conhecida como moleque-da-bananeira *Cosmopolites sordidus* (Germar, 1814), um besouro (cascudinho) de coloração preta, cujas fêmeas colocam ovos isoladamente na parte externa do rizoma, próximo ao solo, eclodindo daí as larvas responsáveis pelos danos. Elas fazem galerias à medida que vão se alimentando e danificam este importante órgão de reservas que sustenta a planta. Com o ataque, as plantas tornam-se raquíticas e mais sensíveis ao tombamento, apresentando ainda folhas amareladas, cachos com pouco peso e menos frutos, além de se tornarem mais susceptíveis aos fungos.

As larvas não possuem pernas e apresentam uma coloração esbranquiçada com a cabeça marrom, ligeiramente mais estreita que o resto do corpo.

Os adultos abrigam-se em locais úmidos e sombreados perto das touceiras, entre as bainhas das folhas mais externas e em restos culturais, tornando-se ativos somente no período noturno. Quando capturados, pouco se movimentam, aparentando estarem mortos. Não voam a longas distâncias, sendo que a sua dispersão ocorre, principalmente, por meio de transporte de mudas de áreas infestadas e por caminhamento.

Para as condições de Rio Branco, o principal período de ocorrência da broca vai de junho a dezembro. O início do crescimento populacional dos adultos acontece no mês de junho, ocorrendo o pico em agosto, decrescendo gradativamente até dezembro. Embora aparentemente esta dinâmica da população esteja relacionada com o período da estação seca, estatisticamente isto não foi comprovado para a região de Rio Branco, confirmando resultados obtidos em outras regiões produtoras no

<sup>1</sup> Eng.-Agr., D.Sc., Embrapa Acre, Caixa Postal 392, 69908-970, Rio Branco-AC.

<sup>2</sup> Eng.-Agr., M.Sc., Embrapa Acre.

<sup>3</sup> Ass. Pesq., Embrapa Acre.

Brasil. Prova disso é uma ligeira elevação do nível populacional da praga observada no mês de janeiro, muito chuvoso, sugerindo ser a primeira geração do inseto, que praticamente desaparece nos meses subseqüentes.

As variedades que estão sendo introduzidas pela Embrapa Acre apresentam níveis populacionais, nas áreas de cultivo, abaixo dos encontrados para as variedades locais Prata, Maçã e Comprida, sendo que por ordem crescente de níveis de infestação podemos destacar: Yangambi, Thap Maeo e PV 03-44. Tal comportamento não significa que estas variedades sejam resistentes à praga, pois havendo um aumento significativo das áreas cultivadas poderá ocorrer uma adaptação da broca a esta nova condição, tornando-a praga de importância limitante para a cultura.

Por isso, algumas ações preventivas devem ser tomadas para evitar a infestação da área de plantio. Selecionar mudas sadias é o primeiro cuidado que se deve ter para garantir a sanidade do bananal, pois a principal forma de disseminação da broca dá-se por intermédio do plantio de material propagativo infestado. Devem-se retirar os restos de terra das mudas, fazendo-se o desbaste das raízes e eliminando-se as galerias formadas nas partes do rizoma com canivete ou facão, longe da área onde será feito o plantio. Na parte aérea devem ser retiradas também as bainhas foliares externas, visando remover ovos e/ou larvas recém-eclodidas. Em alguns casos, em que não se pode abrir mão de mudas infestadas, recomenda-se mergulhá-las em água a 54°C por 20 minutos, sem ultrapassar este tempo para não influir negativamente no desenvolvimento das plantas. No bananal já formado, é importante fazer uma limpeza, destruindo-se os restos de pseudocauls que servem de abrigo para o inseto adulto. Essas estruturas devem ser bem picadas, para uma rápida decomposição. Devem-se eliminar as folhas velhas, proceder ao desbaste das plantas e controlar plantas daninhas, principalmente, nos primeiros meses após o estabelecimento da cultura.

O monitoramento da infestação da área plantada é muito importante, sendo necessário utilizar iscas atrativas que podem ser de dois tipos:

Telha - são obtidas a partir de pedaços de pseudocauls de plantas que já produziram, medindo de 40 a 60 cm de comprimento, e seccionados ao meio no sentido longitudinal. Nesse procedimento, são obtidas duas iscas, que devem ser colocadas próximas à base das plantas, com as faces cortadas em contato com o solo, para atrair os adultos da broca. As iscas devem ser trocadas quinzenalmente, pois a partir daí perdem o efeito atrativo;

Queijo - são também preparadas a partir de bananeiras que já produziram, até 15 dias após a colheita, quando a atratividade é maior. Deve-se cortar o pseudocaul a uma altura de aproximadamente 30 cm do solo, fazendo um novo corte 15 cm abaixo do primeiro, o qual pode ser total ou parcial, isto é, mantendo ou não uma ligação entre as partes da isca. No caso do corte total, a parte superior da isca é então recolocada sobre a porção basal. Os insetos atraídos alojam-se entre as duas fatias obtidas, as quais poderão ou não estar ligeiramente separadas por um "calço".

Em ambos os casos os insetos devem ser coletados manualmente, contados e destruídos.

Quanto maior o número de iscas colocadas na área de cultivo, melhor será a avaliação da infestação, mas é recomendado no mínimo 50/ha. Semanalmente, deve-se proceder a contagem dos insetos capturados, e quando a média de infestação for de cinco adultos da broca/isca devem-se aplicar medidas de controle.

Quando a área a ser controlada é pequena, pode-se continuar a catação manual e destruição dos insetos capturados nas iscas. Quando a área plantada for extensa e

necessitar de agrotóxicos para o controle, deve-se dar preferência, na medida do possível, para as iscas tipo queijo, pois como elas estão ainda com o rizoma ligado ao solo pelas raízes, são dez vezes mais eficientes do que a do tipo telha, devido à continuidade da produção da mucilagem atrativa. A desvantagem desta isca é a de requerer maior quantidade de material vegetal e alto gasto com mão-de-obra para sua confecção.

Para as condições de Rio Branco, a aplicação de produtos à base de Fosfamidon (4 ml/litro) e Monocrotofós (4 ml/litro), nas iscas tipo queijo, controlou mais eficientemente a praga, principalmente da 8<sup>a</sup> a 10<sup>a</sup> semana da aplicação. Note-se que estes produtos somente podem ser utilizados nas iscas, uma vez que não são registrados para qualquer outro tipo de aplicação nesta cultura. Em quaisquer circunstâncias, todas as medidas de segurança na aplicação de agrotóxicos devem ser seguidas rigorosamente.

Por último, deve-se salientar que é capturada também, nos dois tipos de armadilhas, a falsa broca, um inseto semelhante na forma, mas de coloração diferente, apresentando-se rajado de preto e vermelho. Esta broca é considerada de pouca importância para a cultura da banana por se alimentar de restos culturais e material em decomposição, apesar de apresentar-se com população duas a três vezes superior à broca verdadeira.